

DF
923.281
T234V
HMJ



Senador LUIZ VIANA FILHO

HOMENAGEM AO MARECHAL JUAREZ TÁVORA

*— Discurso do Senador Luiz Viana Filho,
na Sessão Especial do Senado Federal,
no dia 27 de agosto de 1975, em ho-
menagem ao Marechal Juarez Távora.*

BRASÍLIA — DF

27-8-75

Senador LUIZ VIANA FILHO

HOMENAGEM AO MARECHAL JUAREZ TÁVORA

— *Discurso do Senador Luiz Viana Filho,
na Sessão Especial do Senado Federal,
no dia 27 de agosto de 1975, em ho-
menagem ao Marechal Juarez Távora.*

BRASÍLIA — DF

27-8-75

O SR. LUIZ VIANA (Bahia — ARENA) — (*Em nome da ARENA, pronuncia o seguinte discurso.*) Sr. Presidente, Srs. Senadores, Srs. Oficiais-Generais, Família Juarez Távora:

Conheci Juarez Távora em 1930, quando ele chegara à Bahia, empunhando a bandeira vitoriosa da Revolução. Vi-o então com aqueles olhos de emoção e admiração peculiares à mocidade. De fato, para a juventude nordestina de então, era ele o símbolo maior do heroísmo. Sob esse aspecto ninguém o excedia — a lenda como que lhe envolvera a personalidade. A própria natureza o distinguira pela estatura incomum, o porte ereto e vigoroso, a angulosa e voluntariosa fisionomia. E o lenço vermelho, confundindo-se com a túnica do militar, completava a imagem do herói.

Por esse tempo ainda não assentara a poeira do movimento revolucionário da Aliança Liberal. O que perdurava era o entusiasmo pela vitória que sepultara a malsinada República Velha. E ninguém ignorava o papel de Juarez Távora na organização e na deflagração do movimento que rapidamente avassalara todo o Nordeste. Coubera-lhe partir da sacrificada Paraíba, onde José Américo de Almeida se tornara o líder, após o assassinio de João Pessoa, para ir fincar no Recife, aguardado por Carlos de Lima Cavalcanti, a flama triunfante da Revolução. Mas, o seu glorioso pedestal não era apenas aquele êxito recente e inesperado. Era mais alto e mais antigo: vinha de 1922 e de 1924, quando São Paulo se levantara sob o comando do General Isidoro Dias Lopes. E ao longo de oito anos de lutas, de prisões, de evasões, de sacrifícios, Juarez Távora conquistara a imaginação e o reconhecimento do País, principalmente dos seus irmãos do Nordeste, onde nascera no seio de família tradicional e ilustre. Cedo incorporara-se, porém, à plêiade de jovens militares, cujas vidas se confundiriam por meio século com o destino e a renovação do Brasil — a radiosa constelação onde se inscrevem os nomes de Siqueira Campos, Newton Prado, Cordeiro de Farias, Eduardo Gomes, Juarez e Joaquim Távora. Um punhado de heróis

a que o patriotismo não permitiu conhecer a mocidade, que alguns trocaram pela morte. Davam a vida como se nada lhes custasse dá-la, pois a eles somente importava a grandeza da Pátria. E por anos a fio, como se buscasse com o próprio sacrifício redimir os erros e os sofrimentos dos seus contemporâneos, Juarez Távora se votou integralmente à aventura revolucionária, participando das incomparáveis páginas da Coluna Prestes, que cruzou o Brasil em todas as direções até se perder nos contrafortes dos Andes, onde se confundiu com a imortalidade, Feito somente comparável à Retirada dos Dez Mil, na antigüidade, ou, mais próximo de nós, à Retirada da Laguna, embora qualquer deles pareça modesto diante daqueles dois anos de sofrimentos e marchas através do árido e inóspito interior do País. Dois anos durante os quais desafiaram o poder do Governo, e nos quais nada tendo para dar desfraldaram uma bandeira maravilhosa de esperança, que marcou os caminhos do futuro. A Nação amadurecia para a Liberdade. Não admira, portanto, que ao levantar, na Paraíba, a flama da Revolução, já estivessem de antemão vencidas todas as resistências. Abatera-as o idealismo daqueles jovens cujo sacrifício os fizera invencíveis. A caudal foi irresistível. Escreveu João Neves da Fontoura, o admirável tribuno da Aliança Liberal, ser o prestígio de Juarez Távora, na ocasião, guardadas as proporções, apenas comparável ao de Napoleão Bonaparte, após a campanha da Itália. Ninguém o ombreava na fama arduamente conquistada: na realidade tornara-se um mito de vitória. Fora, porém, áspera a caminhada, custosa a ascensão até àquelas cumeadas, donde começava a divisar o progresso da nacionalidade. De fato, a contar do levante da Escola Militar, que assim marcara a sua solidariedade ao épico sacrifício dos Dezoito do Forte de Copacabana, oito anos haviam decorrido. Oito anos nos quais a Nação acompanhara, passo a passo, a jornada do jovem revolucionário, que somava à sua glória precoce, além das amarguras do exílio, as prisões a que se haviam juntado as fugas rocambolescas que corriam de boca em boca, pondo uma nota de mistério, se não de sobrenatural, sobre a figura do herói. Para Juarez Távora a caminhada que ele tão bem denominaria "A Grande Marcha Através do Brasil" e que ainda hoje se nos afigura episódio quase lendário, tanto seria impossível repeti-lo, terminou com a sua prisão na Capital do Piauí. Era a anteporta do degredo na Ilha da Trindade, onde contrairia enfermidade que o atormentou pelo resto da existência. Após meses no inóspito penhasco, mancha de terra a 800 milhas do litoral do Espírito

Santo, transportaram-no para o Rio. Ficaria preso na Ilha das Cobras, donde não demorou a evadir-se, vencendo a empenhada vigilância governamental. A lenda começava a tecer. E as mais diversas versões, todas elas enaltecendo o fugitivo, envolveram o episódio.

A liberdade foi o caminho do exílio. Juarez Távora partiu para Montevidéu, reunindo-se aos conspiradores chefiados por Isidoro Dias Lopes, e meses foram divididos entre o Brasil e o Prata, a serviço dos ideais revolucionários, até ser novamente preso, no Rio, e recolhido com outros conspiradores, entre os quais Eduardo Gomes, à inexpugnável Fortaleza de Santa Cruz. Na ocasião já se prenunciavam os acontecimentos que culminariam em outubro de 1930, e o prisioneiro não pensou senão em recobrar a liberdade, para retomar a aventura. Ao Tenente Juracy Magalhães, que então o visitou, e partia com Agildo Barata para a Paraíba, afirmou que fugiria a tempo de a eles se reunir, para assumir a chefia da Revolução no Nordeste. De fato não demorou que, em pequeno barco adquirido e pilotado por Ari Parreiras, ainda uma vez retomasse ele o caminho da liberdade. Seria o passo derradeiro a caminho da vitoriosa Revolução, que liderou, planejou e comandou na área do Nordeste. A República Velha perdera a capacidade de resistir. Faltava-lhe o ânimo para se opor àquelas forças novas, acumuladas ao longo de oito anos de sacrifícios, de propaganda, de decepções e esperanças. Uma onda de crescente insatisfação espalha-se por todo o País, que aspirava novos caminhos, cortando as amarras com um passado marcado pelo domínio de oligarquias e a ilegitimidade da representação política. E, na imaginação da juventude e das camadas populares, ninguém encarnava melhor, entre os que sobreviviam fiéis à bandeira da Aliança Liberal, aqueles generosos ideais consubstanciados no lema de Assis Brasil — "Justiça e Representação" — do que aquele herói, bravo e puro, que, já coroado pela Glória, ganhava agora os louros da Vitória.

Seria ele — assim o aclamaram as multidões fascinadas e reconhecidas — o Vice-Rei do Norte. Por mais que o desejasse, não lograra desvencilhar-se dos pesados encargos decorrentes do triunfo. Chegara a hora difícil de reconstruir. Sobre as ruínas do que fora abatido tocava levantar uma sociedade nova. E no conselho dos vencedores, ninguém se julgava preterido ao saber que a Juarez Távora, em toda a imen-

sa região estendida do Espírito Santo ao Amazonas, devia caber o posto mais alto, o mais trabalhoso, e o mais responsável. Possivelmente terá sido o seu momento mais difícil. Não faltaram sequer os que haviam imaginado fazê-lo repartir com Getúlio Vargas o Governo do País. A verdade, porém, é que, invariavelmente, conduzido por um idealismo jamais maculado por qualquer laivo de ambição, Juarez Távora se dava por bem pago ao depor aos pés da Nação, que o saudava, a láurea da vitória tão custosamente alcançada. Para o idealista, servir, lutar, vencer, eis o que importava.

O triunfo ia, porém, revelar uma nova face do herói. Frequentemente não convivem na mesma personalidade aquele que é feito para destruir e o que é capaz de construir. Em Juarez Távora, entretanto, graças à rara combinação, se reuniam a alma do revolucionário e a do reformador que tinha a paixão de construir. Observou alguém que, para agir, tomara ele como norma a fórmula de Danton — "só se destrói o que se substitui". E Juarez Távora tinha a perfeita consciência de que, sobre as ruínas do velho Brasil da Primeira República, era necessário levantar uma outra pátria, mais livre, mais justa, mais forte. Daí por diante, embora somente bem mais adiante pretendesse abandonar a clava do destruidor, o seu maior esforço voltar-se-ia justamente para a tarefa ciclópica de erguer uma Nação planejada em novas dimensões.

Era uma nova visão do Brasil. E o lugar até então ocupado pelo revolucionário seria tomado pelo administrador, o planejador, o organizador, o pensador. Por mais de quatro décadas Juarez Távora poria a serviço do Brasil não somente aquele puro idealismo, no qual por vezes não seria difícil encontrar certa nota de ingenuidade, que mais lhe acentuava o altruísmo, mas vigorosa inteligência voltada para os grandes problemas da nacionalidade.

Administrativamente a sua primeira grande missão foi o Ministério da Agricultura, que reorganizou. Contudo, não será demais recordar que ao seu patriotismo, à sua coragem e à sua competência deveu o Brasil o Código de Água e o Código de Minas, ambos de julho de 1934. Para lhe assinalar, de maneira indelével, a passagem pelo Ministério não precisaria ter feito mais. Muita coisa possível de realizar no Brasil daí por diante no campo da mineração e da energia hidráulica somente o foi por haverem aqueles Códigos destruído velhas estruturas, que impediavam ou deturpavam as iniciativas. Por

certo, muito lhe terá custado levar a bom termo tarefas de tal magnitude, contrariando interesses e preconceitos. Nada se constrói, porém, dentro das comodidades fáceis do conformismo. E Juarez Távora, por toda a vida, seria um inconformado. Um inconformado para o qual as conveniências estavam sempre muito abaixo dos interesses públicos.

Não desejo esquecer aqui o organizador, pois esse foi dos traços mais vivos e importantes da sua formação, e também da sua aluação como homem público. Possivelmente inspirado em Alberto Torres, compreendeu Juarez Távora ser fundamental para o Brasil, dadas as suas dimensões, as suas riquezas potenciais, a sua própria posição geográfica, a importância de nos atermos a um modelo nacional de organização. Um modelo que fosse nosso, que refletisse nossas possibilidades, e, sobretudo, nossas aspirações. Uma organização que não fosse copiada, mas concebida por nós próprios. Teve ele idéia muito nítida de ser imprescindível abandonarmos o empirismo em que estávamos mais ou menos mergulhados para nos voltarmos para uma efetiva organização nacional. Partindo da idéia matriz da Segurança Nacional, inseparável de tudo quanto se deseja fazer pelo Brasil, ambicionava ele nos preparar para uma democracia cristã, isto é, uma democracia concomitantemente política, econômica e social.

Com esse objetivo, pensou, escreveu, ensinou, pelejou. Trabalhou com os olhos no futuro. Por isso mesmo, ao publicar o importante trabalho sobre a "Organização Nacional", dedicou-o à mocidade universitária do Brasil, "a cuja cultura, entusiasmo e patriotismo deve caber um lugar de destaque na propaganda e na defesa dos ideais de renovação". Trabalho do qual se me afigura valioso complemento o que editou mais tarde sobre "Uma Política de Desenvolvimento para o Brasil", e no qual traçou amplo panorama da Nacionalidade, nas suas riquezas, na sua gente, na sua estrutura política, rio seu destino, e no qual colocou a educação como a base de toda a grandeza e de todo o bem-estar do povo. "Eduquemos o nosso povo", dizia, pois somente assim será o Brasil "um novo plexo de civilização mundial".

Em verdade era essa a ambição do idealista. "O grande sonho da minha vida — escreveu — constantemente adiado." Quem não saberá que o ideal é inatingível? Contudo, somente perseguindo-o é que dele nos aproximamos, vencendo incompreensões, esquecendo conveniências, por vezes colhendo

decepções. Dir-se-ia que o sofrimento é inseparável dos idealistas. Carlyle fez esta observação: "É impossível que um grande homem haja sido outra coisa que não verdadeiro... Eu diria que a sinceridade, uma profunda, grande, ingênua sinceridade é o primeiro traço de todos os que são de algum modo heróicos. .." E ninguém foi mais sincero do que Juarez Távora. Sincero, autêntico, sério, não conhecia o superficial, indo sempre ao íundo das coisas. Mas, já que vos falei do espírito do organizador, creio ser oportuno lembrar aqui o Comandante da Escola Superior de Guerra. Há instituições que têm boa estrela. Dentre elas devemos incluir esse benemérito centro de Altos Estudos Brasileiros, cujos serviços ao Brasil são inestimáveis. A nossa "Sorbonne" denominaram-na por vezes em tom de remoque. A nossa "Sorbonne", sim, como alta e digna expressão de uma cultura brasileira voltada para os grandes problemas da Nacionalidade, e que teve a ventura de contar, na sua direção, com uma seqüência de ilustres militares a cuja inteligência, dedicação, capacidade e descortino muito deve o País. Fundada por essa grande figura de brasileiro que é o Marechal Cordeiro de Farias, a este logo se seguiu no Comando o Marechal Juarez Távora, que, por muitos títulos, era também o homem certo no lugar certo. Ainda recentemente, outro eminente Comandante daquele Centro de Estudos, o Ministro Augusto Fragoso, assinalava que "à circunstância de ter tido como seus dois primeiros Comandantes as figuras exponenciáveis de Cordeiro de Farias e de Juarez Távora, ganhou a Escola, rapidamente, nas elites do País, um elevado conceito". Realmente assim foi, e assim continua a ser, pois às virtudes dos seus dirigentes reúne ela a filosofia que se condensa — valho-me aqui ainda do Ministro Fragoso — em três princípios básicos: "fidelidade intransigente à Democracia; preponderância sempre do legítimo interesse nacional sobre qualquer outro; valorização do homem brasileiro, considerado sempre como agente, instrumento e objetivo do Desenvolvimento".

Para quem se habituara, melhor diria, se apaixonara em pensar sobre o Brasil e para o Brasil, não haveria missão mais tentadora do que essa de dirigir e orientar tão importante núcleo de estudos. Juarez Távora chegava então à maturidade, senhor de inestimável cabedal de conhecimentos, observações e experiências pessoais. Certamente, podia sentir-se à vontade para realizar a eficiente gestão para a qual, recordou ele nas suas *Memórias*, contou, "por suas qualidades excepcionais", com a colaboração dos Coronéis Rodrigo Otávio e Er-

nesto Geisel, o Tenente-Coronel Golbery do Couto e Silva, este último tido como "o precursor e principal formulador das idéias que, ao longo da década de 50, constituíram o núcleo da doutrina da Escola Superior de Guerra".

Foi fecunda a fase de Juarez Távora à frente da Escola. Rico de iniciativas e realizações, ele emprestou à missão aquela nota de seriedade, de desinteresse pessoal, de patriotismo que lhe marcou toda a gloriosa existência. O certo é que a função era adequada para que continuasse a pensar no Brasil com o entusiasmo de sempre. Nisso parecia não envelhecer. Apesar de conservar o porte vigoroso já lhe apareciam os primeiros cabelos brancos. Mas o patriota, vibrante, convicto, caloroso, permanecia o mesmo da mocidade. Para melhor conhecimento dos objetivos que o orientaram na direção da Escola, é oportuno recordar estas palavras que proferiu por ocasião da diplomação dos estagiários, em dezembro de 1953: "Numerosos e graves são os problemas cuja solução o exame da conjuntura nacional está a impor, com urgência, à nossa geração. Não há como ignorar tais problemas, ou tentar ilidir, com subterfúgios, sua gravidade. Impõe-se, ao contrário, que os ataquemos de frente, corajosamente, sob pena de desacreditar-nos como elite, perante o povo, por cujo destino somos responsáveis..." O tempo, os estudos, a vida não o haviam tornado menos inconformado diante dos problemas que afligiam o País, a reclamarem alguma solução. Longe disso, certo de que a Segurança Nacional está presa a "uma política nacional vitoriosa", Juarez Távora cada vez mais se voltava para o estudo, a análise dos grandes problemas nacionais, inclusive o da representação política. Nisso, aliás, jamais variou: nasceu e morreu acreditando na democracia como fórmula compatível com a dignidade humana.

Em seguida ainda insistirei, embora de passagem, sobre o democrata. Antes desejo, porém, lembrar aspectos do incansável estudioso dos problemas brasileiros. Em verdade não houve nada de importância para o Brasil que não merecesse o estudo e a meditação de Juarez Távora. Desde o planejamento, hoje tão integrado na Administração Pública a partir do Governo Castello Branco, mas anteriormente relegado a segundo plano, ou pelo menos a fato episódico, incapaz de disciplinar e orientar o Poder Público, até o problema do átomo, tudo foi por ele perquirido e pensado. Foi ele assim um homem do seu tempo e para o seu tempo. Sobre o petróleo por

exemplo, começou ele a tratar ao tempo do Ministério da Agricultura para nunca mais voltar as costas ao tema fascinante. Fê-lo com aquela integridade, aquela bravura cívica que jamais o abandonariam. Não se sentia manietado por um falso nacionalismo, ou pelo receio de incorrer nas iras dos que viam no assunto arma política antes de ser arma do interesse nacional. Assim, ao reunir, em 1954, sob o título "Petróleo para o Brasil", uma série de conferências e escritos, não se esqueceu de afirmar que representavam trabalhos feitos "sem complexos de inferioridade, sem vãos temores, sem preconceitos, só pensando no Brasil, e agindo pelo Brasil". Por toda a vida ele permaneceria indiferente a qualquer outra razão que não fosse a do que lhe pareceu o bem público.

É realmente admirável a coragem com que, num tempo em que muitos eram oprimidos pela propaganda xenófoba, desprezou todos os obstáculos à redenção do homem brasileiro, para resgata-lo "da miséria física e do atraso social a que tem sido relegado". "Salvar o homem brasileiro e proporcionar ao solo pátrio, pelo combate à erosão, pelo reflorestamento, pela rega e fertilização, uma pausa no saque desapidado com que o vimos devastando há mais de quatro séculos", eis as metas que buscou na sua predica pela racionalização da produção brasileira. Nesse propósito seria ele infatigável. E a ele sabiamente associou a solução dos nossos problemas de transportes, ainda hoje onerosos, se não proibitivos para adequada circulação das riquezas nacionais. Daí haver emitido este conceito sobre problema tão essencial ao Brasil. "Sua solução — que considero fundamental para o progresso econômico-social do povo brasileiro e para a Segurança Nacional — pode e deve constituir um dos temas quotidianos da atividade de nossa geração". Na realidade talvez devesse ser o café da manhã dos governantes brasileiros.

Havendo-se dedicado aos problemas de energia, que buscara atender pelo melhor aproveitamento das águas, e também pelo incremento à produção de petróleo, Juarez Távora foi naturalmente levado à energia nuclear, cuja solução, volvidos vinte anos, desponta, graças aos acordos realizados pelo eminente Presidente Ernesto Geisel, e suficientes para lhe immortalizarem o Governo. Desse setor recolheria Juarez Távora amargos dissabores, pois, em verdade, somente os apáticos, os indiferentes, os conformados logram fruir da tranqüilidade. É que estes não aram a terra, não semeiam, e, portanto, não

contrariam, do mesmo modo que nada produzem. Távora era o oposto desse homem passivo e inerte. O seu natural era a iniciativa, a ação, o debate. Tinha o prazer da sementeira, e esperava as alegrias da colheita. Síntese das suas amarguras, dos seus sofrimentos e das suas lutas em campo tão relevante para a vida das novas gerações é o livro editado há quase duas décadas — "Átomos para o Brasil". Prova de que há vinte anos Juarez Távora já despertara para o grave problema de cuja solução muito dependerá o futuro dos brasileiros.

Mas, se muito se ocupou e preocupou com os aspectos do desenvolvimento material do Brasil, menores não foram os seus interesses em relação às instituições políticas, que asseguram a liberdade e a dignidade do cidadão. Sob esse prisma toda a sua longa e laboriosa vida é uma luta indefectível em favor da democracia. Que é 22 senão um protesto contra as prepotências das oligarquias? Que é 24 senão o primeiro passo para o voto secreto e universal, alicerce de qualquer democracia? Do mesmo modo que a Revolução de 1930, tão rica de transformações para a vida brasileira, trazia no bojo dos seus postulados a legitimidade da representação política então abastardada pelo voto expresso através do "bico de pena". De fato, conforme observou o próprio Juarez Távora, a Revolução se processara "com sérios compromissos de natureza política, econômica e social". Compromissos que desaguardariam na efêmera Constituição de 1934, incapaz de resistir aos embates da sucessão presidencial. A verdade é não ter ele alimentado ilusão quanto ao despenhadeiro de que nos aproximávamos. E junto a Juracy Magalhães e Carlos de Lima Cavalcanti, seus amigos, e então responsáveis pelos Governos da Bahia e de Pernambuco, tudo ele fez para evitar o pior, que era a ditadura, à qual seriam ambos imolados. A este último escrevera ele, em maio de 1937: "Creio que vivemos momento crítico para a democracia no Brasil. E é mister que saibamos vivê-lo." Felizmente, alguns o souberam viver.

O golpe se tornara, porém, inevitável. E Juarez Távora assim exprime os sentimentos que o dominaram na triste manhã de 10 de novembro: "Haviam malgrado as esperanças de aperfeiçoamento democrático, acalentadas pela vitória revolucionária de 1930, pois, tentando eliminar uma elite oligárquica, encaminhávamo-nos para substituí-la por uma outra autocrática." Para reagir, houve, porém, que esperar se encerrasse o cataclisma da Segunda Guerra Mundial. Oito anos

correram até a derrota do fascismo. E Juarez Távora logo voltou à estacada para ajudar a redemocratização do Brasil. Pregava ele então junto aos companheiros um incessante trabalho "para garantir a única saída pacífica e decente que comportava a situação existente, para as Forças Armadas, suas fiadoras — a realização de eleições livres e sérias".

Getúlio Vargas não demorou em deixar o Poder a que tanto se apegara. O que se imaginara, porém, um epílogo seria apenas um intervalo, e voltando ao Governo, em 1950, Vargas logo inquietaria a Nação com as sombrias perspectivas de nova ditadura, que Juarez Távora fez tudo por evitar, sobretudo pregando a unidade das Forças Armadas na defesa das instituições. Ainda aí sobrevivia o democrata. Desiludiu-o, porém, o trágico desfecho de agosto de 1954. Talvez até imaginasse então retrair-se da cena. Esse não seria, entretanto, o seu destino. E vitoriosa a Revolução de 1964, que o encontrou integrando e honrando a Câmara dos Deputados, novamente a Nação o convocaria para os seus altos quadros. A ambição não toldava, entretanto, a alma do idealista. E ele logo conveio em que estava disposto até a "carregar pedras", uma vez que o Movimento não descambasse para um regime ditatorial. Sob essa condição assumiu a árdua Pasta da Viação, talvez a mais pesada na ocasião. Nada o faria afastar-se da defesa da democracia. Em 1965, sendo inevitável a edição do Ato Institucional nº 2, somente foi possível obter a concordância de Juarez Távora quando o Presidente Castello Branco lhe assegurou que jamais aceitaria um poder ditatorial. Vivera bastante para saber que as ditaduras podem ser apresentadas como remédios de emergência, mas nunca significaram a duradoura felicidade dos povos.

Tendo feito tantas coisas, e tão grandes coisas, Juarez Távora jamais perdeu a modéstia. Dir-se-ia que a vaidade não lhe rondou os passos. Do mesmo modo que desconheceu a malícia. Os embates da vida, que não raro tornam as almas amargas, em nada mudaram a personalidade do idealista puro, sempre inspirado pelo desejo de servir. O herói permaneceu humilde e ímpoluto, como é próprio dos que são verdadeiramente grandes. O tempo não lhe perturbou a marcha retilínea em busca dos ideais acalentados na juventude.

Bem sabeis, porém, que raramente há um grande homem sem uma grande mulher. Juarez Távora não fugiu a essa regra. Permitireis, portanto, que, ao lhe prestar as homenagens

com que o Senado da República lhe reverencia a figura estelar, lembre esta dedicatória posta no segundo volume das suas *Memórias*: "A Nair — mãe exemplar de meus filhos, e meiga e dedicada companheira que, ao longo de quarenta e dois anos de vida em comum, tem sabido, com a doçura do seu sorriso e o bálsamo da sua dedicação, suavizar as asperezas do meu caminho — como preito de amor e de reconhecimento." Sinal de que no herói pulsava um terno coração humano.

Pouco antes de concluir o belo e extraordinário périplo que marcou a sua passagem pela terra, honrou-me Juarez Távora com um convite para que lhe prefaciasse o terceiro volume das suas *Memórias*, testemunho de uma existência toda ela votada ao bem da Pátria. Tenho assim o privilégio de já conhecer a parte final desse admirável depoimento para a História. Dele, entretanto, não desejo fixar, neste momento, senão algumas páginas que, na sua pureza e na sua beleza, nos dão um retrato em corpo inteiro do cidadão íntegro, do patriota sem jaca, do homem virtuoso. Refiro-me àquelas em que, de modo simples, e, como se narrasse os fatos mais banais e naturais do mundo, nos dá conta das suas dificuldades financeiras para atender aos reclamos da saúde combalida. Sim, aquele homem que durante mais de meio século prestara ao Brasil altos e relevantes serviços não dispunha, ao fim da vida, dos recursos necessários para um imprescindível tratamento no estrangeiro, e devia lançar mão, não de economias, pois ele não dispusera de tempo para as amealhar, mas de objetos do seu lar. Não faço o elogio da pobreza. Mas, não deixo de acentuar o que há de emocionante e extraordinário nesse rude episódio da vida do grande cidadão. Votado exclusivamente ao serviço da Pátria, não cuidara ele de se preparar para as eventualidades do amanhã. Afinal, devia saber que acabamos por não precisar mais do que de sete palmos de chão.

Mas, de qualquer modo, é de assinalar que, diante de tão rude injustiça da vida, não enunciasse a mais leve ou discreta palavra de lamento, de amargura, ou de revolta. Aceitava a provação como somente podem fazê-lo os que reúnem ao idealismo a fortaleza de ânimo. Era como se ela não o alcançasse. É que nele tudo era grande. Era grande o militar como era grande o revolucionário. Era grande o homem de governo como era grande o cidadão. Creio, porém, que o cidadão era ainda o ponto mais alto da sua personalidade, pois este era incomparável.

O Sr. Lázaro Barboza (Goiás — MDB) — V. Ex^a me honra com um aparte, nobre Senador?

O SR. LUIZ VIANA (Bahia — ARENA) — Pois não.

O Sr. Lázaro Barboza (Goiás — MDB) — Senador Luiz Viana, realmente o Marechal Juarez Távora foi um grande homem. Juarez Távora foi um grande militar; um bom chefe de família; um patriota e, sobretudo, um homem profundamente humano. Combatendo o arbítrio, nunca foi um arbitrário. Memoro da Comissão sumária, criada pela Revolução de 1930 para apurar crimes contra a Administração, Juarez Távora relata, no seu livro de memórias, a sua negativa em permitir a instauração de mais um dos muitos processos que se instauraram contra parlamentares que votaram pela depuração de candidatos aliancistas. E ele o faz de forma magistral, expondo as razões por que discordara; mais ou menos nas seguintes palavras, disse Juarez Távora: "Durante oito anos peregrinei sem tréguas e desalentos na *via crucis* que marca a encosta ao calvário dos vencidos. Conheço-lhes todos os seus desvãos, agruras e sacrifícios. E posso dizer que nenhum é mais atroz e desalentador que a justiça unilateral dos vencedores quando pretende esmagar, sob o peso dos seus arestos, as razões que os vencidos invocam para justificar os seus atos." Juarez Távora foi, nobre Senador, um exemplo dignificante de grandeza moral, combatente intemorato. Não conheceu o ódio e ansiou sempre por um Brasil verdadeiramente democrático, grande e fraterno. Vivo, já era uma lenda e morto, tomou o lugar que a sua vida de muitas lutas lhe reservou no panteão da História.

O SR. LUIZ VIANA (Bahia — ARENA) — Agradecido pelo aparte com que me honrou e distinguiu o nobre colega. Continuo, Sr. Presidente.

O Sr. Franco Montoro (São Paulo — MDB) — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LUIZ VIANA (Bahia — ARENA) — Pois não!

O Sr. Franco Montoro (São Paulo — MDB) — Apenas para incluir no brilhante discurso de V. Ex^a — que juntamente com o Senador Mauro Benevides e em nome do Senado homenageiam a figura de Juarez Távora — o meu depoimento, companheiro que fui de Juarez Távora como Deputado Federal. V. Ex^a se referiu à pobreza do grande General que foi

o Vice-Rei do Norte, Ministro de Estado várias vezes. Quando Deputado Federal, da Bancada do Partido Democrata Cristão, havia a possibilidade de uma viagem ao exterior, pela União Interparlamentar. E todos os indicados abriram mão da sua indicação, para possibilitar a Juarez uma viagem necessária ao tratamento da sua saúde, na Alemanha. É o dado concreto que confirma a afirmação feita, há pouco, por V. Ex^a Quero, também, lembrar, como depoimento, para ilustrar a luta de Juarez pela justiça e pela liberdade, dois episódios da sua vida. No Parlamento, a lei pela qual mais trabalhou foi a relativa à participação dos empregados nos lucros da empresa. S. Ex^a propôs ao Congresso uma fórmula estudada cuidadosamente e não conseguiu vê-la aprovada, como até hoje não está. É uma lei que altera a estrutura social, numa linha não capitalista e não estatista, pelo fortalecimento da empresa como comunidade. Foi uma das bandeiras de luta de Juarez Távora. E na sua luta pela liberdade e pela democracia, nada pode simbolizar melhor a sua atitude do que o *slogan* que adotou na sua campanha para a Presidência da República: a de uma revolução pelo voto; a valorização do voto como o grande instrumento do homem para realizar, por via pacífica, as transformações sociais. O exemplo de Juarez Távora, como foi muito bem acentuado nos brilhantes discursos proferidos por V. Ex^a e pelo Senador Mauro Benevides, permanece não apenas como um eco do passado, mas como uma luz a orientar os brasileiros nos dias de hoje.

O SR. LUIZ VIANA (Bahia — ARENA) — Muito grato a V. Ex^a pelo aparte com que me honra e que tão bem retrata a personalidade do eminente brasileiro cuja memória hoje homenageamos.

Quem entra, em Paris, no Palácio da Justiça, depara com o pequeno monumento levantado em honra de Berryer, o inescusável advogado e orador do Pretório da França. Mas, para saberem os pósteros que também fora ele um político, deixou o escultor caídas as abas da toga, descobrindo assim os trajes civis. Praza aos céus, Senhor Presidente, que os escultores de amanhã, quando esculpirem as estátuas que a nação levantará a Juarez Távora lhe descerrem a túnica de militar, deixando entrever as vestes do cidadão, do extraordinário cidadão que, com insuperável dignidade, lutou e sofreu para servir ao Brasil. (*Muito bem! Muito bem! Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.*)